

## INTRODUÇÃO

Chamar-lhe profecia talvez seja exagerado. Seja como for – e independentemente do nome que lhe queiramos dar –, é inegável que, há pouco mais de vinte e cinco anos, John Kerry, à data senador dos Estados Unidos, compreendeu na perfeição como tudo iria acontecer.

No seu livro *The New War: The Web of Crime That Threatens America's Security*, escreveu: «A verdadeira nova ordem mundial é a criminal. Na prática, as organizações mafiosas constituem a terceira potência, a seguir aos Estados Unidos e à Rússia» (citado pelo jornal *Corriere della Sera*, 19 de maio de 1997).

A sombria afirmação de John Kerry – que presidira à Comissão de Inquérito sobre droga, terrorismo e crime organizado – não suscitou reações particulares, apesar de os sinais da expansão galopante das máfias já serem bastante evidentes e merecerem, no mínimo, uma reflexão.

Passado mais de um quarto de século, pode afirmar-se, sem parecer desnecessariamente alarmista, que o desfecho foi ainda pior do que o previsto pelo senador americano. De facto, convenhamos que, entretanto, a globalização desenfreada – apesar das inúmeras repercussões positivas – acabou por facilitar a ação das *cosche*<sup>1</sup>, permitindo-lhes ultrapassar as fronteiras nacionais e transformar-se em *holdings* à escala planetária, com volumes de negócio estratosféricos.

---

<sup>1</sup> Plural de *cosca*, termo usado para designar as células fundamentais das máfias italianas, em especial da Cosa Nostra siciliana. Cada *cosca* exerce controlo sobre um território específico e funciona como unidade autónoma dentro de uma estrutura criminosa mais vasta. (*N. da T.*)

O antigo procurador nacional antimáfia, Franco Roberti, e o jurista e professor de Direito Penal, Vincenzo Musacchio, sustentaram que:

«a globalização revelou-se um dos maiores negócios para as máfias espalhadas pelo mundo, visto que foi útil sobretudo para ampliar os seus interesses criminosos à escala internacional. Além disso, facilitou o comércio mundial e a circulação de mercadorias e, conseqüentemente, aumentou a dificuldade de controlar as atividades ilícitas e a execução das leis elaboradas ao longo dos tempos para conter esses fenómenos. O sistema financeiro globalizado e a conseqüente desregulamentação favoreceram o branqueamento de capitais, permitindo ocultar os lucros ilícitos das máfias a nível mundial.» ([dirittopenaleuomo.org/contributi\\_dpu/la-lotta-alle-nuove-mafie-va-combattuta-a-livello-transnazionale/#:~:text=Non%20a%20caso%20le%20principali,economia%20legale%20e%20la%20democrazia](http://dirittopenaleuomo.org/contributi_dpu/la-lotta-alle-nuove-mafie-va-combattuta-a-livello-transnazionale/#:~:text=Non%20a%20caso%20le%20principali,economia%20legale%20e%20la%20democrazia))

As razões pelas quais este avanço agressivo não foi travado a tempo, ou, pelo menos, reduzido, são numerosas, e seria impossível enumerá-las todas. O certo é que, devido ao doloroso impacto dos atentados de 11 de setembro de 2001, numerosos recursos – homens, meios e investimentos – foram canalizados para o combate ao terrorismo, considerado prioritário em virtude de outras emergências. Assim, a batalha contra os *bosses*<sup>2</sup> e respetivos gangues acabou por resvalar para segundo plano.

Esta desatenção, porém, produziu – em maior ou menor medida – o desastroso resultado prognosticado por Kerry: hoje, de facto, as máfias da China, México, Colômbia, Japão, Rússia e Itália representam a terceira potência económica mundial. E, como se não bastasse, a estas multinacionais do crime juntaram-se outras máfias insidiosas e poderosas – em termos de volume de negócios e de difusão territorial –, como a albanesa e a nigeriana, menos mediatizadas, mas igualmente hostis e adversas.

Já não é possível varrer a realidade para debaixo do tapete: estamos perante um fenómeno cada vez mais ameaçador, que

---

<sup>2</sup> Plural de *boss*, termo de origem anglo-italiana usado para designar os líderes ou chefes máximos das organizações mafiosas, responsáveis pela direção estratégica, pela gestão das atividades criminosas e pela mediação de conflitos internos. (*N. da T.*)

contaminou os cinco continentes. Não basta preocuparmo-nos apenas com problemas relacionados com a segurança e a legalidade, mas também com uma chaga que condiciona a duras penas a economia global, a ponto de pôr em risco a soberania de alguns países.

É, no entanto, necessário reiterar um conceito que talvez seja com frequência negligenciado: as grandes organizações criminosas nunca se teriam tornado no que são sem o apoio indispensável de sectores importantes da chamada sociedade civil. E, a fim de obter o apoio de agentes externos ao circuito criminoso, recorreram invariavelmente a um «superpoder» cuja eficácia é amplamente comprovada, com sucesso, em todos os cantos do globo: a corrupção. Uma parte da montanha de dinheiro acumulada através de atividades ilegais permite lubrificar um sistema em que, além do exercício da violência, a cumplicidade dos aparelhos institucionais, da política e do empresariado, se revela fundamental. Sob este prisma, a vantagem dos *bosses* e dos seus exércitos é indiscutível, pois as exorbitantes disponibilidades financeiras permitem amolecer qualquer resistência e atrair para o seu lado até mesmo aqueles que, por dever de ofício, deveriam combatê-los.

Existe um fio condutor que una as máfias retratadas neste livro? Adiante-se, desde já, que não existe um verdadeiro fio condutor – nem poderia existir –, uma vez que nasceram em épocas diferentes e se desenvolveram em contextos diversos, do ponto de vista social, político, económico e morfológico.

Todavia, possuem sem dúvida traços em comum. Desde logo, convém apontar o facto de, na grande maioria dos casos, conseguirem impor-se e proliferar, ocupando os espaços deixados livres pelo Estado. Se pensarmos na Itália, por exemplo, podemos afirmar com conhecimento de causa que, nas regiões do Sul, os *bosses* se permitiram agir praticamente sem entraves. As áreas mais pobres e degradadas permaneceram nessa condição durante várias décadas, criando bolsas de carência e necessidade que o crime organizado soube explorar com engenho, tornando-se num interlocutor mais autoritário e credível do que um Estado que surge como intangível, lento, desorganizado e, portanto, pouco fiável.

Enquadrando o fenómeno na sua complexidade, não se pode negar que, em muitos casos, o poder estatal nunca foi um inimigo implacável dos criminosos; pelo contrário, na maioria das vezes, os

homens das instituições não sofreram na pele a arrogância dos mafiosos, mas instrumentalizaram-na cinicamente. Foi graças a este abraço venenoso que os chamados *colarinhos brancos* e os *bosses* conseguiram reforçar as respectivas posições.

Este raciocínio aplica-se ao México: um país cuja frágil democracia é devastada pela violência e pela corrupção, cuja gestão do território está nas mãos dos narcotraficantes, que, com as malas recheadas de dinheiro, compram políticos, polícias e magistrados. E quando se deparam com alguém que não se submete à sua vontade, matam-no, recorrendo a execuções truculentas com o intuito de que a mensagem seja clara e inequívoca: quem se opõe a nós, morre.

Uma situação análoga foi – e continua a ser – vivida pela Colômbia, um país que durante anos a fio se viu atormentado, por um lado, pelos chamados cartéis da droga e, por outro, por bandos de guerrilheiros, que, escondendo-se atrás de nobres ideais, na realidade visavam apenas o vil metal. Na Colômbia, tal como no México, o terror era o pão nosso de cada dia para as pessoas honradas, e, num conflito crescente marcado por homicídios e atentados, políticos, magistrados, jornalistas, empresários e cidadãos íntegros perderam a vida. Se no México a situação é grave, na Colômbia muitas coisas mudaram, embora a presença dos narcotraficantes continue a asfixiar as populações.

A corrupção generalizada e uma impressionante fragilidade das instituições favoreceram, por seu turno, a proliferação do crime na Albânia, uma realidade na qual a pobreza permanece o principal fertilizante que permite à erva daninha mafiosa crescer exuberantemente. Ao contrário dos mexicanos e colombianos – cujo domínio indiscutível, todavia, se mantém circunscrito aos respetivos territórios –, os albaneses dispersaram homens e negócios por toda a Europa e chegaram mesmo a conquistar outros continentes.

Um cenário em certos aspetos semelhante diz respeito à Nigéria, que apresenta, contudo, uma particularidade: o embrião do que viria a ser a Black Mafia<sup>3</sup> nasceu num contexto insuspeito, isto é, o

---

<sup>3</sup> Expressão usada para designar redes de criminalidade organizada de origem nigeriana, frequentemente estruturadas em confrarias (*Cult*) surgidas no meio universitário, envolvidas em tráfico de seres humanos, exploração sexual, extorsão e outros crimes transnacionais. (*N. da T.*)

das universidades. Neste país africano, também a pobreza generalizada e uma grande e nefasta instabilidade política criaram condições para os criminosos conseguirem ocupar todos os espaços deixados livres pelo poder estatal e adquirirem rapidamente o controlo de vastas áreas do território, bem como a gestão de negócios legais e ilegais. Tal como os albaneses, os nigerianos dominam um dos negócios mais ignóbeis: a exploração da prostituição, com milhares e milhares de raparigas obrigadas a sofrer abusos indescritíveis, na ilusão de escapar à fome e poder sustentar as famílias deixadas na Nigéria.

A existência de uma vasta zona cinzenta, onde se cruzam criminosos, homens poderosos, burocratas e intermediários, explica, em grande medida, a ascensão da máfia na Rússia. Nascida nas prisões, espalhou-se pelo país, enraizando-se num sistema político fora de controlo e fortemente marcado por uma corrupção transbordante, cujas consequências malignas, ainda hoje, estão longe de se ter dissipado. A inércia das forças de segurança e do sistema judicial acabou por garantir uma impunidade substancial a inúmeros delinquentes.

Se nos deslocarmos para a Ásia, encontramos um mundo às avessas. Consideremos o caso do Japão, onde acontece algo decididamente único e, em certos aspetos, difícil de compreender para quem vive noutras latitudes: ali, a máfia – a temível *Yakuza*<sup>4</sup> – é legal, ou seja, é considerada uma associação como qualquer outra, e os *bosses* que a dirigem gozam da mesma consideração que um gestor de uma grande empresa. Mas não só: dispõem de sedes oficiais, convocam conferências de imprensa, controlam o território, poupando à polícia a incómoda tarefa de perseguir os criminosos comuns que vivem de carteirismo, roubos e assaltos à mão armada. Naturalmente, mantêm relações com o poder que se desenrolam à luz do dia, sem que ninguém pareça sentir o mínimo de constrangimento.

---

<sup>4</sup> Designação das organizações de criminalidade organizada japonesas, caracterizadas por uma estrutura hierárquica rígida e, durante décadas, por um estatuto de tolerância legal que lhes permitiu operar publicamente, manter sedes oficiais e estabelecer relações explícitas com sectores do poder político e económico. (*N. da T.*)

No Oriente, subsiste outro flagelo do qual talvez nunca se fale o suficiente: as Tríades<sup>5</sup>. A máfia *made in China* é uma das ameaças mais inquietantes, porque está ramificada em todos os cantos do planeta e a sua capacidade de manter um perfil discreto possibilitou-lhe, até à data, progredir graças a uma astuta discrição. Funciona de uma forma particularmente insidiosa, na medida em que dispõe de uma liquidez tal que lhe permite reciclar o dinheiro sem dificuldade, adquirindo atividades comerciais e empresas a preços bastante superiores aos reais. Semelhante fluxo de capitais sujos contamina a economia e subverte as mais elementares regras do mercado.

Chegamos, por fim, aos Estados Unidos. As notícias menos alarmantes provêm, porventura, da América, onde a Cosa Nostra<sup>6</sup> se estabeleceu no início do século xx, quando milhares de indivíduos com antecedentes criminais pouco ou nada imaculados, oriundos da Sicília, desembarcaram em Nova Iorque e arredores. Após passarem por fases de grande provação, as autoridades norte-americanas fizeram o que em outros lugares não conseguiram, ou não quiseram: lançaram uma vigorosa ofensiva repressora que conduziu a um drástico enfraquecimento das famílias mais poderosas. A velha guarda desapareceu do mapa (uns acabaram na prisão, outros morreram), e os herdeiros mostraram-se, até agora, incapazes de estar à altura dos antigos padrinhos que dominaram o cenário até às décadas de oitenta e noventa. Dito isto, as máfias não desapareceram: a Cosa Nostra americana atravessa um período particularmente desfavorável, não só pelas derrotas judiciais, mas também porque, entretanto, foi ultrapassada por outras organizações criminosas, a começar pela máfia chinesa.

---

<sup>5</sup> Organizações de criminalidade organizada chinesas, de origem histórica remota, estruturadas em sociedades secretas que, ao longo do tempo, evoluíram para redes criminosas transnacionais envolvidas em tráfico de droga, extorsão, jogo ilegal, contrafação, branqueamento de capitais e outras atividades ilícitas. (*N. da T.*)

<sup>6</sup> Designação dada à organização mafiosa siciliana surgida no século xix, estruturada em cosche territoriais. A partir do início do século xx, o modelo da *Cosa Nostra* foi transplantado para os Estados Unidos por emigrantes italianos, dando origem à chamada Cosa Nostra americana, desenvolvida num contexto social e criminal distinto. (*N. da T.*)

## BREVE HISTÓRIA DA MÁFIA

Com isto em mente, torna-se legítimo perguntar: se as coisas são efetivamente assim, como e quando será possível vencer a guerra contra as máfias? A pergunta é pertinente, mas talvez seja preferível não a formular de todo: a resposta ameaça revelar-se pouco tranquilizadora.

Bruno De Stefano



## CHINA

### Os longos tentáculos das Tríades<sup>7</sup>

Silenciosa, impenetrável, poderosa: eis as principais características da máfia chinesa – as ignóbeis Tríades –, hoje difundidas pelos seis continentes. Da Europa à América, de África à Austrália, as investigações mais recentes registam o avanço moroso, mas inexorável, daquilo que tem sido definido como a *Piovra gialla*, uma praga que se insinuou em todos os negócios ilegais até conquistar posições de domínio em diversos sectores.

Apesar de na Itália não serem muito conhecidas, no resto do mundo as Tríades revelam-se um monstro com o qual muitos são obrigados a lidar há várias décadas. Não é por acaso que se fala menos da máfia chinesa do que de outras organizações análogas. Tal como a *Cosa Nostra* nos tempos de Bernardo Provenzano (perfil reservado, ausência de ataques ao Estado, homicídios reduzidos ao mínimo indispensável), as Tríades preferem evitar ações violentas para não chamar a atenção. De resto, agir nos bastidores é uma opção que conjuga duas tendências típicas da cultura oriental: a discrição e o silêncio.

Embora a história da *Piovra* amarela não seja sangrenta, não significa de forma alguma que os gangues que a compõem atuem sempre e em todas as circunstâncias de forma discreta: quando a situação se torna séria, o inimigo – seja ele externo ou interno – não tem hipótese de salvar a pele, visto que se arrisca a ficar feito em pedaços, e não poucas vezes apenas no sentido metafórico.

À semelhança das restantes máfias espalhadas pelo planeta, também a chinesa, até há pouco tempo, tentava justificar o vasto leque

---

<sup>7</sup> Em Itália, a expressão *Piovra* (polvo) é usada há décadas como metáfora do crime organizado, representando um sistema de poder com múltiplos tentáculos infiltrados na política, na economia e nas instituições do Estado. (*N. da T.*)

de crimes por trás da cortina de fumo de supostas intenções nobres. Talvez, na origem, o ditado «Os exércitos protegem o imperador, as Tríades defendem o povo» fizesse algum sentido, mas, na era moderna, os mafiosos têm somente um deus na cabeça: o dinheiro. Quanto ao povo, mais do que protegê-lo, aterrorizam-no e escravizam-no, tal como sucede noutras paragens.

Apesar de antiga e profusamente ramificada, sabe-se bastante sobre a máfia chinesa, mas não se conhece tudo, e a razão é facilmente explicável: os seus membros têm um forte sentido de obediência para com os chefes, e a *omertà*<sup>8</sup> impõe-se como um muro que ninguém ousaria transpor. Portanto, é impossível que surja um «arrependido» disposto a revelar os segredos de uma organização deste género. Além da fidelidade inabalável que impregna todos os mafiosos, importa referir que a ferocidade com que os traidores são, por regra, punidos constitui um incentivo eficaz para manter a boca fechada.

As investigações conduzidas por investigadores do mundo inteiro permitiram, ainda assim, compreender que as Tríades transferem os seus interesses para onde quer que exista a possibilidade de ganhar avultadas somas de dinheiro: não existem fronteiras ou domínios da economia ilegal em que não estejam envolvidas até ao pescoço. Posto isto, o tráfico de droga e de seres humanos, bem como a prostituição, representam os sectores preferenciais, embora seja na falsificação dos mais variados tipos de produtos que detêm um primado absoluto e indiscutível.

A contrafação passou das moedas para os *Rolex*, ou até a ovos de dinossauro, e já é histórico o fenómeno da imitação de marcas e produtos de luxo. Hong Kong ficou famosa pela falsificação de centenas de produtos, à escala industrial, levada a cabo pela Tríade 14K. O negócio mais recente é a contrafação de *software* informático. Em 1996, das 523 milhões de aplicações em uso no mundo, nada menos do que 225 milhões eram contrafeitas, com um prejuízo global calculado em cerca de 11 mil milhões de dólares. ([gnosis.aisi.gov.it/sito/Rivista17.nsf/servnavig/5](http://gnosis.aisi.gov.it/sito/Rivista17.nsf/servnavig/5))

---

<sup>8</sup> Termo de origem italiana que designa o código de silêncio imposto pelas organizações mafiosas. Não se trata apenas de não falar com as autoridades, mas de uma regra de obediência absoluta e lealdade, sustentada pelo medo, pela violência e pela certeza de punições severas para quem a transgride. (*N. da T.*)